

Esse trabalho tem como objetivo principal identificar o papel da literatura hagiográfica no Reino Franco privilegiando os séculos VI e VII. O caráter inicial deste trabalho tem a finalidade de enriquecer as primeiras etapas da pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida junto ao Programa de Estudos Medievais e o Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ.

Este trabalho encontra-se dividido em alguns tópicos. Inicialmente pretendemos discutir à luz da historiografia o que entendemos por hagiografia e como se desenvolveu o estudo desse tipo de documento. Quais etapas foram mais marcantes e a importância de seu estudo. Em seguida, buscando alcançar nosso objetivo de identificar o papel desse tipo de documento no Reino Franco, trataremos brevemente sobre essa conjuntura. Então veremos as características do documento hagiográfico do período estudado.

1. Hagiografia: surgimento e características

O termo hagiografia é originário do grego *hagio* (santo) e *grafia* (escrita), sendo assim significa a escrita sobre os/as santos/as. Dentre os materiais que se compreende por hagiografia estão inseridos os passionários, vidas, tratados de milagres, viagens espirituais, martirólogos e outros. (SILVA, 2008: 7).

Os relatos chamados de hagiográficos surgem acerca do ano 200 d.C. Nesse período a maioria das narrativas eram sobre os mártires dos primeiros séculos cristãos. Tais documentos eram escritos para que a trajetória dessas pessoas não fosse esquecida. Peter Brown, um dos mais importantes estudiosos do tema, aponta que isso ocorria porque era um momento preciso de perseguição aos cristãos. (BROWN, 1971: 80-101).

No entanto, a partir do século V com a autorização do culto cristão e o fim das perseguições, as características dessa santidade que compõem os relatos hagiográficos

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em História Compara da UFRJ e membro do Programa de Estudos Medievais da UFRJ e bolsista CAPES.

vão se transformando.² O historiador André Vauchez trabalha com o conceito de santidade e a caracteriza (VAUCHEZ, 1987: 287-300). Para ele essas mudanças significaram a consolidação da forma que essas pessoas viviam passando a ser definitivamente o vínculo entre o homem comum e o divino. Buscavam a partir da vida ascética³ a elevação espiritual para se tornarem esse intermediário. O autor chama atenção para pensarmos a construção da santidade como um elemento integrador servindo a interesses políticos como os de conversão e consolidação do cristianismo

Ainda no que tange a santidade, a autora italiana Sofia Boesch Gajano concorda com Vauchez em alguns aspectos. Um deles é a ligação entre religião e poder, outro é a interpretação do homem santo como aquele que é intermediário entre os assuntos naturais e sobrenaturais. Gajano compreende o cristianismo como um fenômeno de múltiplas dimensões, isso significa ter a habilidade de absorver e transformar praticas religiosas. Nesse quadro o santo é entendido como uma intersecção fundamental e passa a fazer parte de sociedade como um mediador entre o terreno e o divino.

A autora, dentre outros aspectos, aborda um ponto interessante que é como se dá essa construção. Assim, enfoca as escolhas feitas por essas pessoas, especialmente relacionadas ao corpo, pelo qual conseguimos ver o percurso ascético do santo. Esse aspecto é importante, pois com ele percebemos a conexão existente, como dito anteriormente, entre a construção da santidade e o ascetismo, do qual uma das características é o jejum, elemento que é facilmente enxergado no corpo (GAJANO, 2002: 449).

Nossa pesquisa se preocupa com um tipo específico de hagiografia, as *Vitas* documento que possui uma estrutura comum. Segundo Cristina Sobral, em primeiro lugar deve-se falar da infância e filiação, em seguida do período de maturidade do santo, no qual ele cumpriria com um ou mais modelos de santidade, na sequência, o relato da morte, normalmente relacionada com algum contato com o maravilhoso e

² Um segunda etapa desse desenvolvimento se abriu com os ascetas do deserto. As mais famosas vidas como de S. Antonio, S. Cipriano, S. Gregório passam a valorizar não mais a morte como acontecia nos relatos sobre os mártires, mas sim a trajetória de vida.

³ A ascese cristã é o exercício da vontade de buscar a Deus. Ser asceta não significa o abandono do mundo, mas sim a convivência com outros ascetas. No cristianismo o termo assume quase todos os fenômenos que significam renuncia, abstinência ou mortificação pessoal. Para essa afirmação usamos a descrição de Testón Turiel.

por último como se desenvolveu o culto, milagres póstumos, relíquias ou transladações. Caberia ao hagiógrafo fazer um texto que abarcasse esses quatro aspectos. (SOBRAL, 2005: 101).

Assim como compreender a estrutura do documento, interessa-nos também saber quais eram as principais características sociais daqueles que viriam a ser santos. Michel de Certeau explica que via de regra, essas pessoas eram de origem nobre ou tinham algum tipo de associação política com sua região.⁴ Assim, o hagiógrafo deve fazer uma intersecção entre a vida e a conjuntura do local no qual o santo está inserido, mas sem necessariamente se preocupar com a temporalidade. Como afirma o autor: “Cada vida de santo deve ser antes considerada como um sistema que organiza uma manifestação graças a combinação topológica de “virtudes e milagres”.” (CERTEAU, 1975: 242)

Certeau também estabelece outros aspectos que nos parecem fundamentais. Normalmente o documento associa a imagem do santo à algum lugar, busca divulgar uma imagem que consolida ainda mais a fé do grupo. Mostra o personagem como um herói, seja por seus milagres, resolução de querelas ou por embates com o diabo ou criaturas dessa natureza. Para o autor o relato hagiográfico seria assim um produto das novas possibilidades que chegavam com o advento do cristianismo em termos de evangelização, entretenimento, relação com o divino e exemplo de vida.

Para nós a hagiografia acaba por se mostrar como um tipo de documento rico por abrir um leque de temas de pesquisa. Como o estudo do papel social desse documento no período medieval, como era sua estrutura, o estudo de aspectos como os tipos de milagre que aparecem ou o estudo da santidade como parte do cenário no qual se desenvolveram os documentos hagiográficos.

1.2. Hagiografia: trajetória historiográfica

A primeira grande compilação hagiográfica, de acordo com Velazquez foi produzida em fins do século XVII com Heribert Rosweyde. O historiador jesuíta realizou uma grande coleção de todas as vidas de santo que ele teve acesso e foi

⁴ Assim como Certeau, o autor Vauchéz no livro “O homem medieval” também chama a atenção para o aspecto nobre dos santos. Ele explica que o santo só poderia ser nobre porque um nobre teria mais possibilidade de tornar-se santo. Tal conclusão de acordo com Vauchéz era quase um consenso entre as camadas sociais. Era a convicção de que a perfeição moral e espiritual só poderia vir de uma linhagem ilustre.

precursor do movimento dos Bollandistas, um grupo de jesuítas que tinha como objetivo uma rigorosa análise crítica das hagiografias em busca da veracidade desse tipo de fonte.⁵ (AMARAL, 2013: 42).

O surgimento dos Bollandistas em fins do século XIX dá a largada para o início da mudança dos estudos sobre hagiografia. Os principais autores foram Jean Bolland e Godefrid Henskens que colocam em prática a ideia de hagiografia crítica. Buscavam suporte em estudos de paleografia, filologia, diplomacia entre outros. (VELAZQUEZ, 2002: 30) Os estudos desse grupo funcionavam com a divisão dos santos em ordem cronológica, quais santos estariam relacionados a cada dia do ano, por exemplo. Existiam estudos específicos sobre os milagres, sobre as relíquias e os manuscritos. A primeira edição dessa empreitada foi publicada na *Analecta Bollandiana* revista que existe até os dias de hoje.

Do seio dos Bollandistas emerge outro importante autor, Hippolyte Delehaye, que propõe uma abordagem mais crítica do que os seus antigos companheiros. Uma das suas preocupações é o estudo do ideal edificante que está inserido dentro das hagiografias. No entanto, os autores ressaltam⁶ que esses estudiosos tinham uma visão positivista da história, dado o período no qual escreviam e também porque eram influenciados pela sua formação religiosa. Apesar do caráter positivista, os Bollandistas deram o pontapé para a expansão dos estudos sobre hagiografia, daí a importância de mencioná-los e apontar sua trajetória.

Durante o século XX os estudos sobre hagiografia vão se diversificando e uma das obras mais importantes é “The Cult of the Saints”, do historiador Peter Brown, é produzida. A obra de Brown, apesar das críticas, foi responsável por transformar a maneira como a hagiografia era enfocada. A partir desse período, estudos preocupados com a inserção do santo no contexto cultural e social e seu papel nas hierarquias eclesíásticas vislumbram novas perspectivas. O santo passa a ser visto de maneira mais funcional dentro da dinâmica dos estudos medievais e tem seu papel mais articulado à sociedade.

Atualmente os estudos sobre hagiografia têm mantido esse caráter do papel da santidade e do documento hagiográfico dentro de determinado contexto e inserido

⁵ Era na verdade uma mudança sutil em relação a produção historiográfica do XIX bastante positivista.

⁶ Os autores que nos falam dos bollandistas como Michelle Sauer, Izabel Velazquez e Ronaldo Amaral concordam que o aspecto positivista desse grupo adivinha principalmente do seu, momento histórico.

então na história que o problematiza. A fonte hagiográfica tem a oportunidade de ser estudada não mais como uma fonte devocional e mais como objeto dos estudos históricos. (AMARAL, 2013: 43) Além disso é possível ver nas hagiografias dados históricos importantes e a possibilidade de contrastá-los com outras documentações (VELAZQUEZ, 2002: 16) Os temas relacionados a gênero, sexualidade e cultura visual também vem sendo bastante explorados nos estudos sobre hagiografia.⁷

Para o nosso trabalho e pesquisa nos preocupamos com as hagiografias produzidas no Reino Franco. Assim, abordaremos em seguida aspectos da conjuntura de tal reino no séc. VII e sua relação com a produção hagiográfica desse espaço específico.

2. Conjuntura: Reino Franco

O período sobre o qual nos debruçamos, século VI, faz parte de um momento de mudanças no âmbito social, político e religioso. Os centros urbanos diminuíram gradativamente enquanto a esfera rural crescia, nesse sentido ocorreu uma mudança em relação àquela pautada nos preceitos romanos. Uma das características deste momento é a divisão do que entendemos por reino franco em três espaços: Neustria ao norte, Burgúndia ao sul e Austrásia a oeste. A vida política que a partir daí passa a se desenvolver é focada nas cortes que nesse período já estavam se locomovendo para o espaço rural. Fourace e Geberding afirmam ser esse um momento de confusão entre aristocracia e nobreza (FOURACE; GEBERDING, 1996: 5) como iremos ver mais adiante.

A Igreja⁸ nesse quadro torna-se uma parte importante do sistema político, seja pela posse de terras ou por terem assumido um papel secular, assim como ocorria na maioria dos reinos do período da primeira Idade Média. Ao lado da Igreja outra instituição que contribuiu para as mudanças políticas foi o sistema monástico. Os mosteiros tinham papel importantíssimo na dinâmica, pois marcavam fronteiras, formavam aqueles que seriam os bispos, eram dedicados a expansão e conversão e

⁷ O texto de Michelle Sauer no manual “Handbook of Medieval Studies” trás uma breve, mas atual descrição de como se encontram os estudos sobre hagiografia atualmente.

⁸ Ainda não é uma Igreja plenamente constituída, formada e centralizada, e sim comunidades locais que compartilham de uma mesma fé.

tinham um papel missionário. Em fins do século VII existiam cerca 550 mosteiros (FOURACE; GEBERDING, 1996: 7) no território franco.

3. Hagiografia no Reino Franco

A maioria dos estudos sobre os textos merovíngios começaram com questões sobre sua idade e proveniência. Dentre essa documentação a hagiografia é a que mais tem tido progresso por ser parte da dinâmica social e da cultura religiosa. No caso específico dos merovíngios ainda podemos abordar a questão da íntima relação da santidade com a nobreza. Para nosso recorte o estudo da hagiografia é uma maneira de compreender a cultura da Igreja merovíngia e perceber os modelos episcopais e monásticos que se desenvolveram ali.

Os autores Foucrace e Geberding colocam em pauta algumas questões relacionadas ao estudo das hagiografias merovíngias. Primeiro o desafio de compreendê-la em termos linguísticos, elas se modificavam e apesar da erudição dos autores, as hagiografias merovíngias eram escritas num latim primitivo. Em segundo, eles apontam que normalmente os estudos são voltados para o declínio da dinastia merovíngia e não na sua conjuntura, sendo esse um grande desafio. (FOURACE; GEBERDING, 1996: 42) Outra seria uma dificuldade comum ao estudo das hagiografias como um todo que é a necessidade de conhecer o contexto para buscar o que seria comum aos relatos.

Muitas das hagiografias sobre os santos merovíngios, dada sua riqueza, foram escritas ou reescritas no período carolíngio com o intuito de iluminar o período anterior por ter sido um momento de florescimento monástico e hagiográfico. Assim, existem alguns elementos essenciais para o estudo desse tipo de documento que é efetivo para a compreensão da história política do período e para cobrir a narrativa de outros documentos, como crônicas e concílios.

O recorte com o qual nos preocupamos, o século VII, é por excelência o período no qual mais hagiografias foram produzidas. (FOURACE; GEBERDING, 1996: 07) Os principais hagiógrafos conhecidos deste momento são Gregório de Tours, Venâncio Fortunato, Jonas de Bobbio, João de Riôme e Vedast. Para além desses autores, a maioria das hagiografias tem autoria anônima. (WOOD, 1994: 258).

Nesse momento, devido o aumento das fundações monásticas, a demanda por hagiografias era grande. Sendo uma forma convencional de escrita os autores tinham modelos que seguiam, com destaque para os da vida de Martinho de Tours e Columbano. Tais modelos permitiam que as hagiografias fossem materiais aceitáveis para evangelização, liturgia e registro desses personagens e história dos merovíngios.

4. Conclusão

Procuramos em nosso trabalho demonstrar como foram desenvolvidos os estudos sobre as hagiografias buscando falar de como esse gênero de documento foi construído. Tivemos também a preocupação de observar o que a historiografia desenvolveu sobre esse estudos e como isso tem participação em nossa pesquisa. Os Bollandistas foram os precursores dos estudos e catálogos sobre hagiografia mesmo que tivessem o aspecto positivista do seu período de produção, os estudos foram se diversificando com importantes autores a partir da segunda metade do século XX e hoje temos um imenso leque de possibilidades de estudos dentro das hagiografias. Velázquez aponta que é impossível exploramos todas essas, mas que isso tem como consequência a existência dos mais variados estudos sobre hagiografia.

Na esfera da conjuntura da nossa pesquisa, percebemos que as vidas da santo são um exemplo da intersecção entre a Igreja e o poder político e essa característica parece ainda mais forte no período merovíngio. A existência de conflitos pré e pós sucessão dos reis abria a fresta para que a Igreja e a aristocracia interferissem nas resoluções. No caso da Igreja a instituição monástica teve um papel de destaque, a maioria dos mosteiros eram fundados por nobres ou seus descendentes, marcavam fronteiras, formavam os santos, expandiam a fé e boa parte dos bispos que se sobressaiam fosse nos palácios, fosse na participação e resolução de conflitos tinham saído de mosteiros.

Por fim, assumimos que dado o caráter inicial da nossa pesquisa, temos em vista que os estudos sobre as hagiografias, especialmente aquelas pertinentes ao Reino Franco precisam ser mais exploradas. Observamos que no caso dos merovíngios a hagiografia funcionou como um documento responsável por registrar muitos dos homens e mulheres ditos santos, não só no que tange a sua santidade, mas sua relação com o contexto e às vezes sua participação nas querelas da nobreza. Essa

especificidade, especialmente no que se refere às hagiografias femininas será de grande importância em nossa trajetória de pesquisa.

5. Bibliografia

AMARAL, Ronaldo. *Santos imaginários, santos reais. A literatura hagiográfica como fonte histórica*. São Paulo: Intermeios, 2013.

BAÑOS VALLEJO, Fernando. *La Hagiografía como Género Literário en La Edad Media: Tipología de Doce Vidas Individuales Castellanas*. Oviedo: DP de Filología Española da Universidad Olvitensis, 1989.

BROWN, P. R. L. The Rise and Function of the Holy Man in Late Antiquity. *The Journal of Roman Studies*, Londres, v. 61, p. 80-101, 1971.

GAJANO, Sofia Boesch. Santidade. In: Le Goff, Jacques; Schmitt, Jean-Claude (Coord). *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru: Edusc. 2002. 2V. v.2. p. 449-463

CERTEAU, M. de. Uma variante: a edificação hagio-gráfica. In: _____. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982. p. 266-278.

CHARRONE, João Paulo. A santidade episcopal e sua relação com o poder político e civil na Gália da segunda metade do século VI. *Faces da História*. Assis, UNESP, v.1, n.1, p. 183-203, 2014.

JAMES, Edward. *The Peoples of Europe: The Franks*. Oxford: Basil Blackwell, 1991. p. 1-11.

FOURACRE, Paul; GERBERDING, Richard. *Late Merovingian France: History and Hagiography, 640-720*. Oxford: Manchester University Press, 1996. p. 1-79.

SAUER, Mihcelle. Hagiographical Texts. In: CLASSEN, Albrecht. *Handbook of Medieval Studies - terms, methods and trends*. Berlim: De Gutyer, 2010. p. 1798-1807.

SILVA, Andreia, C. L. F. Introdução. In _____. *Hagiografia e História*. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2008. p. 7-15.

SOBRAL, Cristina. O modelo discursivo hagiográfico. Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica da Literatura Medieval. *Actas...* Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 97-107

TESTÓN TURIEL, Juan Antonio. El monacato en la diócesis de Astorga en los periodos antiguo e medieval. *La Tebaida Versiona*, Leon: Universidad de León, 2008. p.29-39.



VELAZQUEZ SORIANO, Isabel. *Hagiografía y culto a los santos en la Hispania Visigoda: Aproximación a sus manifestaciones literarias*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, Asociación de Amigos del Museo. Fundación de Estudios Romanos, 2005. (Cuadernos Emeritenses, 32)

VAUCHEZ, André. Santidade. In: LE GOFF, Jacques. (Dir.) *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987. v.12. p. 287-300.

VAUCHEZ, André. O Santo. In: LE GOFF, Jacques. *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Presença. p. 211-223.

WOOD, Ian. *The Merovingian Kingdoms 450–751*, New York: Longman Press, 1994